Insulto ao Público *(Publikumsbeschimpfung)*, tradução

Para

Karlheinz Braun, Claus Peymann, Basch Peymann, Wolfgang Wiens, Peter Steinbach, Michael Gruner, Ulrich Hass, Claus Dieter Reents, Rüdiger Vogler, John Lennon.

Quatro oradores.

PETER HANDKE

Instruções para os atores

Escutar as ladainhas nas igrejas católicas.

Escutar as exortações e as invectivas do público durante uma partida de futebol.

Escutar o coro da multidão nas manifestações.

Girar uma roda de bicicleta livremente e seguir o ruído dos raios desde o seu ponto de ligadura e observar o afrouxamento do movimento desde o mediano da roda.

Escutar a partida e a parada do motor de uma betoneira.

Escutar as intervenções de auditório durante um debate.

Escutar Tell me com os Rolling Stones.

Escutar o vai e vem dos trens numa estação.

Escutar o Hit-parade da Radio Luxemburgo.

Escutar os tradutores simultâneos das Nações Unidas.

Escutar o diálogo do chefe da gangue (Lee J. Cobb) com a bela no filme A queda de Tulla, diálogo no qual a bela pergunta ao chefe da gangue quantos homens ele calcula abater e o chefe da gangue responde voltando-se para trás: Quantos ainda restam? Observar o chefe da gangue neste momento.

Assistir os filmes dos Beatles.

No primeiro filme dos Beatles, observar a cara de Ringo Starr que sorri, no momento quando, depois de ter sido importunado pelos outros, ele vai até à bateria, senta-se e começa a tocar o tambor.

Observar a cara de Gary Cooper no filme O homem que veio do Oeste.

No mesmo filme, observar a morte do mudo que, com uma bala no corpo, atravessa toda a cidade deserta, titubeando e saltitante, e lança um grito dilacerante.

Observar, no zoológico, os macacos que imitam os homens e as lhamas que cospem.

Observar o comportamento dos desocupados e dos malandros que flanam pelas ruas e que jogam nas máquinas automáticas.

Entrando na sala, os espectadores encontrarão o ambiente habitual que precede ao início de um espetáculo. Nos bastidores, poderia simular uma agitação ou um tráfego ruidoso que seria ouvido na sala. Por exemplo, poderia arrastar uma mesa de uma ponta à outra do palco, puxar cadeiras da esquerda à direita. Precisaria fazer de tal sorte que os espectadores das primeiras filas pudessem ouvir as instruções dadas em voz baixa pelos diretores e a conversa dos maquinistas, atrás da cortina. Para este efeito, poderia usar uma gravação realizada quando da construção dos cenários de uma outra peça. Esses ruídos seriam ampliados no gravador. É preciso organizar os ruídos, a fim de chegar a uma organização, às normas. O ambiente da sala seria objeto de cuidados especiais. As funcionárias do teatro fariam um esforço todo especial e seriam muito corteses no cumprimento de suas funções; elas reduziriam se possível, seus murmúrios habituais e de maneira geral, melhorariam suas maneiras. Esse requinte deve se estender a todos. Os programas terão uma elegância especial. Não se pode esquecer o sinal prolongado que anuncia o início do espetáculo. Precisaria ser intermitente, em espaços os mais aproximados. A luz deveria se apagar progressivamente e tão tardiamente quanto possível. Seria aconselhável diminuir gradualmente. Os gestos das funcionárias do teatro que fecharão as portas serão marcados por uma gravidade toda especial. Entretanto, não é preciso que isto seja interpretado como um gesto simbólico. A entrada será proibida aos retardatários. Os espectadores cujo vestuário não estaria cuidado, não teriam acesso à sala. Essa noção de vestuário é para ser interpretada, bem entendido, no seu sentido mais amplo. Não se deveria chamar a atenção e menos ainda chocar pela sua maneira de estar vestido. Os homens usarão um terno escuro, uma camisa branca e uma gravata pouco vistosa. As senhoras evitarão – se possível – as cores berrantes. Não terá espaço para ficar em pé. Uma vez as portas fechadas e a luz apagada, o silêncio igualmente se restabelecerá atrás da cortina. Um mesmo silêncio reinará sobre o palco e na sala. Os olhares dos espectadores se fixam durante um momento sobre a

cortina que mexe quase que imperceptivelmente. A cortina é ainda agitada rapidamente por um objeto deslizante ao longo de todo o veludo. Depois a cortina se imobiliza. Um pouco de tempo se passa. A cortina se eleva lentamente. Enquanto o palco é aberto, os quatro oradores saem do fundo e se dirigem para a ribalta. Eles não encontram nenhum obstáculo, o palco está vazio. Suas maneiras de andar não tem nada de especial, eles vestem roupas quaisquer. Enquanto eles se aproximam dos espectadores, a luz sobe sobre o palco e na sala. A iluminação é a mesma, em ambas as partes. A luz não é ofuscante. É a iluminação normal de um fim de espetáculo. Esta iluminação permanecerá idêntica durante toda a peça, na sala como sobre o palco. Enquanto eles se dirigem para o proscênio, os oradores não olham para o público. Mesmo andando eles continuam falando. Suas palavras não se destinam aos ouvintes. Para os oradores o público não chegou ainda. Mesmo andando eles movimentam os lábios. Pouco a pouco, as palavras tornam-se perceptíveis e, enfim, eles se expressam em alta voz. Os insultos que eles proferem se cruzam. Eles falam todos ao mesmo tempo. Eles arrancam um do outro as palavras. Um diz o que outro está a ponto de dizer. Eles falam todos juntos. Todos dizem ao mesmo tempo palavras diferentes. Eles repetem essas palavras. Eles elevam a voz. Eles gritam. Eles fazem uma troca de replicas. Finalmente, eles param todos na mesma palavra. Eles a repetem em coro. Eis aqui o que eles dizem (não é preciso respeitar a ordem!): Seus caretas, suas marionetes, seus olhos esbugalhados, seus lamentadores, seus caras desagradáveis, seus ridículos, seus embasbacados. É preciso estar atento para conservar uma certa unidade na elocução. Não é preciso colocar intenções nas palavras. Os insultos não são endereçados a ninguém. Não é preciso atribuir significados à maneira de falar. Os oradores chegam ao proscênio antes de ter terminado seus exercícios de insultos. Eles se colocam em formação de maneira muito descontraída. Eles não estão totalmente imobilizados, mas se movem segundo ao gosto das palavras que eles pronunciam. Eles dirigem seus olhares para o público, mas sem parar sobre um espectador em especial.

Os oradores se calam durante um curto momento. Eles se concentram. Depois, eles começam a falar. A ordem na qual eles falam é deixada a suas próprias escolhas. Eles têm que preencher um papel quase que igual.

Sejam bem-vindos.

Esta peça é um prólogo.

Vocês não ouvirão nada que não tenham ouvido aqui antes.

Vocês não verão nada que não tenham visto aqui antes.

Vocês não verão nada do que sempre tem sido visto aqui.

Vocês não ouvirão nada do que sempre tem sido ouvido aqui.

Vocês ouvirão o que vocês habitualmente vêem.

Vocês ouvirão o que vocês habitualmente não vêem.

Vocês não verão nenhum espetáculo.

Suas curiosidades não serão satisfeitas.

Vocês não verão nenhuma peça.

Não haverá aqui nenhuma representação.

Vocês verão um espetáculo sem cenas.

Vocês esperavam alguma coisa.

Vocês esperavam, talvez, alguma outra coisa.

Vocês esperavam uma bela história.

Vocês não esperavam nem mesmo uma história.

Vocês esperavam uma certa atmosfera.

Vocês esperavam um mundo diferente.

Vocês não esperavam nenhum mundo diferente.

Seja como for, vocês esperavam alguma coisa.

Talvez seja o caso que vocês esperavam o que vocês estão ouvindo agora. Mas mesmo neste caso vocês esperavam alguma coisa diferente.

Vocês estão sentados em fila. Vocês formam um padrão. Vocês estão sentados numa certa ordem. Vocês olham numa certa direção. Vocês estão sentados eqüidistantes um do outro. Vocês são uma platéia. Vocês formam uma unidade perfeita. Vocês são ouvintes e espectadores num auditório. Seus pensamentos são livres. Vocês podem, ainda, tomar uma decisão. Vocês nos vêem falando e nos ouvem falando. Vocês estão começando a respirar num mesmo ritmo. Vocês estão começando a respirar num mesmo ritmo no qual nós estamos falando. Vocês estão respirando da mesma maneira que nós estamos falando. Nós e vocês, pouco a pouco, formamos uma unidade.

Vocês não pensam nada. Vocês não pensam em nada. Nós pensamos por vocês. Vocês não aceitam que nós pensemos por vocês. Vocês se sentem desinibidos. Seus pensamentos são livres. Mesmo quando nós dizemos que nós nos introduzimos dentro dos seus pensamentos. Vocês têm idéias na cabeça. Mesmo quando nos dizemos que nós nos introduzimos dentro das suas idéias na cabeça. Vocês estão se antecipando. Vocês estão ouvindo. Seus pensamentos estão seguindo o exemplo dos nossos pensamentos. Seus pensamentos não estão seguindo o exemplo dos nossos pensamentos. Vocês não estão pensando. Seus pensamentos não são livres. Vocês se sentem inibidos.

Vocês estão olhando para nós quando nós falamos com vocês. Vocês não estão nos assistindo. Vocês estão nos olhando. Vocês estão sendo observados. Vocês estão desprotegidos. Vocês não têm mais a vantagem da proteção da escuridão. Nós não temos mais a desvantagem de olhar através da luz ofuscante no escuro. Vocês não estão assistindo. Vocês estão olhando e

estão sendo olhados. Desta maneira, nós e vocês, pouco a pouco, formamos uma unidade. De uma certa maneira, ao invés de dizermos vocês podemos dizer nós. Nós estamos sob o mesmo teto. Nós somos uma sociedade fechada.

Vocês não estão nos ouvindo. Vocês prestam atenção em nós. Vocês não mais espreitam através de uma parede. Nós estamos falando diretamente com vocês. Nossas palavras não mais se dirigem aos seus olhares. Suas olhadelas não mais remendam nosso diálogo. Nossas palavras e suas olhadelas não mais formam um ponto de vista. Vocês não são negligenciados. Vocês não são tratados como simples perguntadores enfadonhos. Vocês não necessitam ter uma opinião sob a perspectiva de um sapo olhando um pássaro, sobre algo que aconteça aqui. Vocês não precisam ser os juizes da peça. Vocês não são mais tratados como espectadores, a quem nós podemos falar apartes. Isto não é uma peça. Não existem apartes aqui. Nada do que acontece aqui é planejado como um apelo a vocês. Isto não é uma peça. Nós não aceleramos a peça para endereçá-la a vocês. Nós não temos necessidade de ilusões para desiludir vocês. Nós não mostramos nada para vocês. Nós não estamos representando destinos. Nós não estamos representando sonhos. Isto não é uma reportagem. Isto não é um documentário. Isto não é uma fatia da vida. Nós não vamos contar para vocês uma história. Nós não representamos quaisquer ações. Nós não simulamos quaisquer ações. Nós não representamos nada. Nós não impomos nada para vocês. Nós apenas falamos. Nós representamos dirigindo-nos a vocês. Quando nós dizemos nós, nós podíamos também dizer vocês. Nós não estamos executando suas situações. Vocês não podem reconhecer vocês mesmos em nós. Nós não estamos representando nenhuma situação. Vocês não precisam sentir o que nós significamos para vocês. Vocês não podem sentir o que nós significamos para vocês. Nenhum espelho está sendo mostrado para vocês. Nós não somos importantes para vocês. Nós estamos nos

dirigindo a vocês. Vocês estão sendo direcionados. Vocês serão direcionados. Vocês ficarão aborrecidos se vocês não quiserem ser direcionados.

Vocês não estão compartilhando nenhuma experiência. Vocês não estão compartilhando. Vocês não estão dando as cartas. Aqui vocês não estão experimentando nenhuma intriga. Vocês não estão experimentando nada. Vocês não estão imaginando nada. Vocês não têm que imaginar nada. Vocês não precisam de pré-requisitos. Vocês não precisam saber que isto é um palco. Vocês não precisam de expectativas. Vocês não precisam se inclinar para trás esperançosamente. Vocês não precisam saber que isto é apenas uma representação. Nós não criamos histórias. Vocês não estão seguindo um acontecimento. Vocês não estão representando. Aqui nós representamos com vocês. Simples jogo de palavras.

O que é do teatro não é restituído ao teatro aqui. Aqui vocês não recebem seus direitos. Suas curiosidades não são satisfeitas. Nenhuma faísca será lançada por nós para vocês. Vocês não serão eletrificados. Estas bordas do palco não representam um mundo. Elas são parte do mundo. Estas bordas existem para nós basearmos em alguma coisa. Este mundo não é diferente dos seus. Vocês não são mais espectadores. Vocês são o assunto. O foco está em vocês. Vocês estão no fogo cruzado de nossas palavras.

Isto não é miragem. Vocês não vêem paredes que tremem. Vocês não ouvem os sons espúrios de portas fechando com estalos. Vocês não ouvem sofás rangendo. Vocês não vêem aparições. Vocês não têm visões. Vocês não vêem cena de alguma coisa. Nem vocês vêem a sugestão de uma cena. Vocês também não vêem quebra-cabeça de cenas. Vocês também não vêem uma cena vazia. O vazio deste palco não é a cena de outro vazio. O vazio deste palco não significa nada. Este palco está vazio porque objetos estariam no nosso caminho. Ele está

vazio porque nós não precisamos de objetos. Este palco não representa nada. Ele não representa outro vazio. Este palco está vazio. Vocês não vêem quaisquer objetos que aparentam ser outros objetos. Vocês não vêem uma escuridão que aparenta ser outra escuridão. Vocês não vêem uma claridade que aparenta ser outra claridade. Vocês não vêem uma luz que aparenta ser outra luz. Vocês não ouvem um ruído que aparenta ser outro ruído. Vocês não vêem um espaço que aparenta ser outro espaço. Aqui vocês não experimentarão um tempo que aparenta ser outro tempo. O tempo no palco não é diferente do tempo fora do palco. Aqui nossa hora local é a mesma. Nós estamos no mesmo lugar. Nós estamos respirando o mesmo ar. Nós estamos no mesmo espaço. Aqui não é um outro mundo. A boca de cena não é uma linha de demarcação. Algumas vezes ela não é apenas uma linha de demarcação. Enquanto nós estamos falando com vocês ela não é uma linha de demarcação. Não há aqui um circulo invisível. Não há um circulo mágico. Aqui não há espaço para o teatro. Nós não estamos representando. Nós estamos no mesmo espaço. A linha de demarcação não foi atravessada, ela não é penetrável, ela não existe mesmo. Não há um cinturão de radiação entre vocês e nós. Nós não somos adereços que se colocam sozinhos. Nós não somos representações. Nós não somos aqueles que representam. Nós não representamos nada. Nós não demonstramos nada. Nós não temos pseudônimos. Nossas batidas de coração não aparentam ser batidas de outro coração. Nossos gritos horripilantes não aparentam ser gritos horripilantes de outrem. Nós não deixamos os nossos papeis. Nós não temos papeis. Nós somos nós mesmos. Nós somos os porta-vozes do autor. Vocês não podem fazer uma imagem de nós. Vocês não precisam fazer uma imagem de nós. Nós somos nós mesmos. Nossa opinião e a opinião do autor não são necessariamente a mesma.

A luz que nos ilumina não significa nada. Nem os figurinos que nós usamos significam algo. Eles não indicam nada, de qualquer forma, eles não são incomuns, eles não significam nada

em particular. Eles não significam nem uma outra época, nem outro clima, nem outra estação, nem outro grau de latitude, nem outra razão para usá-los. Eles não têm função. Nem nossos movimentos têm uma função, isto é, para significar alguma coisa para vocês. Isto não é o teatro do mundo.

Nós não somos artistas farsescos. Não há objetos aqui que nos façam tropeçar sobre eles. Objetos traiçoeiros não estão no programa. Objetos traiçoeiros não são estraga-prazeres porque nós não brincamos com eles. Os objetos não pretendem ser como uma brincadeira traiçoeira, eles são traiçoeiros. Se nos acontecer de tropeçar, nós tropeçamos involuntariamente. Involuntário como são os enganos ao vestir, involuntários também são, talvez, nossas ridículas fisionomias. Lapsos de memórias, os quais divertem vocês, não estão planejados. Se nós gaguejarmos, nós gaguejaremos sem nada significar. Nós não podemos deixar cair um lenço como parte da peça. Nós não estamos representando. Nós não podemos fazer com que a traição dos objetos seja parte da peça. Nós não podemos camuflar a traição dos objetos. Nós não podemos ter dois pensamentos. Nós não podemos ter vários pensamentos. Nós não somos palhaços. Nós não estamos numa arena. Vocês não têm o prazer de circundar-nos. Vocês não estão se divertindo através da comédia de ver os nossos traseiros. Vocês não estão se divertindo através da comédia dos objetos traiçoeiros. Vocês estão se divertindo através da comédia das palavras.

Aqui as possibilidades do teatro não são exploradas. O reino das possibilidades não é esgotado. O teatro não é ilimitado. O teatro é limitado. Aqui o destino tem significado irônico. Nós não somos teatrais. Nossa comédia não é irresistível. Suas gargalhadas não podem ser libertadoras. Nós não somos brincalhões. Nós não estamos interpretando um mundo para vocês. Isto não é a metade de um mundo. Nós e vocês não constituimos dois mundos.

Vocês são o assunto. Vocês são o centro de interesse. Aqui ações não são representadas, vocês estão sendo representados. Isto não é um jogo de palavras. Aqui vocês não são tratados como indivíduos. Aqui vocês não se tornam indivíduos. Vocês não têm traços individuais. Vocês não têm fisionomias distintas. Aqui vocês não são indivíduos. Vocês não têm características. Vocês não têm destino. Vocês não têm história. Vocês não têm passado. Vocês não estão na lista de procurados. Vocês não têm experiência de vida. Aqui vocês têm a experiência do teatro. Vocês têm aquele algo mais. Vocês são espectadores. Vocês não são interessantes por causa das suas capacidades. Vocês não são interessantes somente por causa das suas capacidades como espectadores. Aqui como espectadores vocês formam um padrão. Vocês não são personalidades. Vocês não são singulares. Vocês são uma pluralidade de pessoas. Suas faces apontam numa direção. Vocês são direcionados. Seus ouvidos ouvem o mesmo. Vocês são um acontecimento. Vocês são o acontecimento.

Nós temos os olhos fixos em vocês. Mas vocês não formam um quadro. Vocês não são simbólicos. Vocês são um ornamento. Vocês são um modelo. Vocês têm traços que todos aqui tem. Vocês têm traços gerais. Vocês são uma espécie. Vocês formam um modelo. Vocês estão e vocês não estão fazendo a mesma coisa: vocês estão olhando numa direção. Vocês não se levantam e olham em direções diferentes. Vocês são um modelo padrão e vocês têm um modelo como um padrão. Vocês têm um padrão com o qual vocês vieram ao teatro. Vocês têm a idéia padrão que onde nós estamos é em cima e onde vocês estão é embaixo. Vocês têm a idéia padrão de dois mundos. Vocês têm a idéia padrão do mundo do teatro.

Vocês não precisam deste padrão agora. Vocês não estão assistindo a uma peça de teatro. Vocês não estão assistindo. Vocês são o ponto focal. Vocês estão no fogo cruzado. Vocês estão sendo inflamados. Vocês podem pegar fogo. Vocês não precisam de um padrão. Vocês

são o padrão. Vocês têm de ser descobertos. Vocês são a descoberta da noite. Vocês nos inflamam. Nossas palavras pegam fogo no contato com vocês. De vocês uma faísca lança-se sobre nós.

Esta sala não faz de conta que ela seja uma sala. O lado que está aberto para vocês não é a quarta parede de uma casa. O mundo não tem que ser cortado e aberto aqui. Vocês não vêem portas aqui. Vocês não vêem as duas portas de velhos dramas. Vocês não vêem a porta de saída por onde escapa aquele que não pode ser visto. Vocês não vêem a porta de entrada pela qual avança aquele que quer ver aquele que não quer ser visto. Não há porta de saída. Nem há uma porta inexistente no drama moderno. A inexistência da porta não representa a porta inexistente. Este não é outro mundo. Nós não estamos fingindo que vocês não existem. Vocês não são o ar para nós. Vocês são de crucial importância para nós porque vocês existem. Nós estamos falando com vocês porque vocês existem. Se vocês não existissem nós falaríamos para o vazio. Suas existências não são simplesmente admitidas como certas. Vocês não são tacitamente pressupostos a espreitar atrás da parede. Vocês não olham através de uma fechadura. Nós não fingimos que nós estamos sós no mundo. Nós não nos explicamos para nós mesmos somente a fim de colocá-los a par de. Nós não estamos conduzindo uma exibição pública apenas para benefício de seus esclarecimentos. Nós não precisamos de artifícios para esclarecer vocês. Nós não precisamos de trapaças. Nós não temos de ser teatralmente efetivos. Nós não temos entradas, nós não temos saídas, nós não conversamos com vocês à parte. Nós não estamos colocando nada acima de vocês. Nós não estamos prestes a entrar num diálogo. Nós não estamos num diálogo. Também não estamos num diálogo com vocês. Nós não desejamos entrar num diálogo com vocês. Vocês não estão em conluio conosco. Vocês não são testemunhas de um acontecimento. Nós não estamos insultando vocês. Vocês não têm mais que ser apáticos. Vocês não têm mais que assistir inativamente. Aqui ações não ocorrem.

Vocês sentem o desconforto de serem assistidos e a quem nos dirigimos, uma vez que vocês vieram preparados para assistir e sentirem-se confortáveis e protegidos pela escuridão. Suas presenças são a cada momento explicitamente admitidas através de cada uma de nossas palavras. Suas presenças são o assunto com o qual lidamos de uma respiração à próxima, de um momento ao próximo, de uma palavra à próxima. Suas idéias padrão de teatro não são mais pressupostas como a base de nossas ações. Vocês não estão condenados a assistirem nem livres para assistir. Vocês são o assunto. Vocês são os fazedores do jogo. Vocês são os antagonistas. Vocês estão sendo visados. Vocês são os alvos de nossas palavras. Vocês servem como alvos. Esta é uma metáfora. Vocês servem como alvo de nossas metáforas. Vocês servem como metáforas..

Aqui, dos dois pólos, vocês são o pólo em repouso. Vocês estão num estado de apreensão. Vocês se encontram num estado de expectativa. Vocês não são sujeitos. Aqui vocês são objetos. Vocês são os objetos de nossas palavras. Entretanto, vocês são também sujeitos.

Aqui não há pausas. As pausas entre palavras carecem de significado. Aqui a palavra não dita carece de significado. Aqui não há palavras não ditas. O silêncio não diz nada. Não há silêncio ensurdecedor. Não há tranqüilidade mortal. Aqui a fala não é usada para criar silêncio. Esta peça não inclui orientações que nos digam para fazer silêncio. Nós não fazemos pausas artificiais. Nossas pausas são pausas naturais. Nossas pausas não são eloqüentes como o silêncio. Nós não dizemos nada com nosso silêncio. Nenhum abismo abre-se entre palavras. Vocês não podem ler nada entre nossas falas. Vocês não podem ler nada em nossas faces. Nossos gestos não expressam nada como conseqüência de algo. O que é inexpressivo não é dito aqui através de silêncio. Aqui olhares e movimentos não são eloqüentes. Aqui fazer

silêncio e ser silencioso não é artifício. Aqui não há letras mudas. Há somente o h mudo. Isto é um jogo de palavras.

Agora vocês se decidiram. Vocês reconhecem que nós negamos algo. Vocês reconhecem que nós nos repetimos. Vocês reconhecem que nós nos contradizemos. Vocês reconhecem que esta peça conduz uma discussão com o teatro. Vocês reconhecem a estrutura dialética da peça. Vocês reconhecem um certo espírito de subversão. A intenção da peça torna-se clara para vocês. Vocês reconhecem o que a principio nos negamos. Vocês reconhecem que nós nos repetimos. Vocês reconhecem. Vocês percebem. Vocês não se decidiram. Vocês não tinham percebido a estrutura dialética da peça. Agora vocês estão percebendo. Seus pensamentos estavam muito lentos. Agora vocês têm pensamentos nas suas mentes.

Vocês parecem fascinantes. Vocês parecem encantadores. Vocês parecem deslumbrantes. Vocês parecem excitantes. Vocês parecem únicos.

Mas vocês não fazem força. Vocês não são uma idéia brilhante. Vocês são cansativos. Vocês não são um assunto agradável. Vocês são um erro dramatúrgico. Vocês não são verdadeiros como a vida. Vocês não são teatralmente eficazes. Vocês não nos levam a um outro mundo. Vocês não nos encantam. Vocês não nos deslumbram. Vocês não nos divertem fabulosamente. Vocês não são engraçados. Vocês não são animados. Vocês não têm truques nas suas mangas. Vocês não têm o dom para o teatro. Vocês não tem nada para dizer. Vocês não são convincentes. Vocês não estão nem ai. Vocês não nos ajudam a passar o tempo. Vocês não chegam a nos interessar. Vocês nos chateiam.

Isto não é drama. Nenhuma ação que tenha ocorrido em outra parte é aqui encenada novamente. Aqui somente o agora, e o agora e o agora existe. Isto não é um faz de conta no qual encena-se novamente uma ação que de fato já ocorreu uma vez. Aqui o tempo não desempenha nenhum papel. Nós nos recusamos a representar uma ação. Portanto, nós recusamos a idéia de tempo. Aqui o tempo é real. Ele expira de uma palavra à outra. Aqui o tempo voa nas palavras. Aqui nós negamos o fato de que o tempo possa ser repetido. Aqui nenhuma peça pode ser reproduzida e encenada ao mesmo tempo como já foi uma outra vez. Aqui o tempo é o tempo de vocês. Aqui a nossa medida de tempo é a medida do seu tempo. Aqui vocês podem comparar seu tempo com o nosso tempo. Tempo não é armadilha. Isto não é faz de conta. Não se supõe, aqui, que o tempo possa ser repetido. Aqui o cordão umbilical que conecta vocês com seus tempos não é rompido. Aqui o tempo não está em jogo. Aqui nós estamos de acordo com o tempo. Admite-se aqui que o tempo expira de uma palavra à próxima. Aqui admite-se que este é O seu tempo. Aqui vocês podem conferir o tempo nos seus relógios. Aqui nenhum outro tempo governa. O tempo que governa aqui é medido em oposição a sua respiração. Aqui o tempo adapta-se aos seus desejos. Nós medimos o tempo através das suas respirações, pelo pestanejar de seus cílios, pelas suas pulsações, pelo crescimento de suas células. Aqui o tempo expira de um momento ao outro. O tempo é medido sobre vocês. O tempo passa pelos seus estômagos. Aqui o tempo não é reproduzido como num faz de conta de uma representação teatral. Isto não é uma representação: vocês não têm que imaginar nada. Aqui o tempo não é armadilha. Aqui o tempo não é interrompido pelo mundo exterior. Aqui não há dois níveis de tempo. Aqui não há dois mundos. Enquanto nós estamos aqui, a terra continua a girar. Aqui nosso tempo é o mesmo de vocês aí. Ele expira de uma palavra à próxima. Ele expira enquanto nós, nós e vocês, estamos respirando, enquanto nossos cabelos estão crescendo, enquanto transpiramos, enquanto cheiramos, enquanto ouvimos. O tempo não é reproduzido mesmo se repetimos nossas palavras, mesmo se

mencionamos novamente que nosso tempo é o tempo de vocês, que ele expira de uma palavra à próxima, enquanto nós, nós e vocês, respiramos, enquanto nossos cabelos estão crescendo, enquanto transpiramos, enquanto cheiramos, enquanto ouvimos. Nós não podemos repetir nada, o tempo está expirando. Ele não pode ser repetido. Cada momento é histórico. Cada um de seus momentos são momentos históricos. Nós não podemos dizer nossas palavras duas vezes. Isto não é um faz de contas. Nós não podemos fazer a mesma coisa outra vez. Nós não podemos repetir os mesmos movimentos. Nós não podemos falar do mesmo jeito. O tempo escorre por nossos lábios. O tempo não pode ser repetido. O tempo não é armadilha. Isto não é um faz de contas. O passado não é representado contemporaneamente. O passado está morto e enterrado. Não precisamos de marionetes para dançar a valsa de um tempo morto. Nós não somos um teatro de marionetes. Isto não é um absurdo. Isto não é uma peça. Isto não tem sentido. Vocês reconhecem a contradição. O tempo aqui serve como um jogo de palavras.

Isto não é uma manobra. Isto não é um exercício de emergência. Aqui ninguém tem que representar um morto. Ninguém tem que fingir que ele está vivo. Aqui nada é pressuposto. O número de indultados não é determinado. O resultado não é predeterminado no papel. Aqui não há resultado. Aqui ninguém tem que se apresentar. Nós não representamos exceto o que nós somos. Nós não nos representamos num outro estado que não seja aquele em que nós estamos agora e aqui. Isto não é uma manobra. Nós não nos representamos em diferentes situações. Nós não estamos pensando sobre a emergência. Nós não temos que representar nossa morte. Nós não temos que representar nossa vida. Nós não queremos profetizar nada. Nós não pretendemos ler o futuro em nossa peça. Nós não representamos outro tempo. Nós não representamos uma emergência. Nós estamos falando enquanto o tempo expira. Nós falamos da expiração do tempo. Nós não estamos fazendo como se. Nós não estamos fazendo como se nós pudéssemos repetir o tempo ou como se nós pudéssemos antecipar o tempo. Isto

não é um faz de conta nem uma manobra. Por um lado nós fazemos parecer. Nós fazemos como se nós pudéssemos repetir palavras. Nós aparecemos para repetir nós mesmos. Aqui é o mundo das aparências. Aqui aparência é aparência. Aparência é aqui aparência.

Vocês representam alguma coisa. Vocês são alguém. Aqui vocês são alguma coisa. Aqui vocês não são alguém, mas alguma coisa. Vocês são uma sociedade que representa uma ordem. Vocês são uma sociedade teatral de vários tipos. Vocês são uma ordem devido o tipo de roupa, a posição de seus corpos, a direção de seus olhares. A cor de suas roupas não combina com a cor das suas poltronas. Vocês também formam uma ordem com as suas poltronas. Vocês estão a rigor. Com suas roupas vocês obedecem a uma ordem. Vocês estão formais. Vestindo-se a rigor vocês demonstram que vocês estão fazendo algo que vocês não fazem todos os dias. Vocês estão usando uma mascara a fim de participarem de uma mascarada. Vocês participam. Vocês assistem. Vocês olham fixamente. Assistindo vocês se tornam rígidos. A disposição das poltronas favorece este desenvolvimento. Vocês são alguma coisa que assiste. Vocês precisam de espaço para seus olhos. Se a cortina está fechada vocês, pouco a pouco, se tornam claustrofóbicos. Vocês não têm ponto de vantagem. Vocês se sentem cercados. Vocês se sentem inibidos. O abrir da cortina apenas alivia suas claustrofobias. Assim, isto alivia vocês. Vocês podem assistir. Suas vistas estão desobstruídas. Vocês tornam-se desinibidos. Vocês podem participar. Vocês não estão num ponto morto quando a cortina está fechada. Vocês não são mais alguém. Vocês se tornam alguma coisa. Vocês não estão mais sozinhos com vocês mesmos. Vocês não estão mais abandonados as suas próprias sortes. Agora vocês estão juntos. Vocês são uma platéia. Esse é o alivio. Vocês podem participar.

Agora aqui em cima não há ordem. Não há objetos que demonstrem uma ordem estabelecida para vocês. Aqui o mundo não é sadio nem insalubre. Isto não é o mundo. Aqui acessórios teatrais estão fora de lugar. Os espaços deles não estão esboçados sobre o palco. Já que eles não estão esboçados, aqui não há ordem. Não há marcas de giz para o ponto de vista dos objetos. Não há marcação para o ponto de vista das personagens. Em oposição a vocês e suas poltronas aqui nada esta nos seus lugares. Aqui os objetos não têm lugares fixos, como os lugares de suas poltronas, ai embaixo. Este palco não é o mundo, exatamente como o mundo não é o palco.

Aqui todo objeto também não tem seu próprio tempo. Aqui nenhum objeto tem seu próprio tempo. Aqui nenhum objeto tem seu tempo fixado quando ele serve como um adereço, ou quando ele se torna um obstáculo. Aqui os objetos não são usados. Aqui não se age como se os objetos fossem realmente usados. Aqui os objetos são úteis.

Vocês não estão de pé. Vocês estão usando as poltronas. Vocês estão sentados. Assim como suas poltronas formam um padrão, igualmente vocês formam um padrão. Não há lugar de pé. As pessoas apreciam a arte mais efetivamente quando elas sentam do que quando elas ficam de pé. Este é o porque vocês estão sentados. Vocês são mais amigáveis quando estão sentados. Vocês são mais receptivos. Vocês são mais compreensivos. Vocês são mais pacientes. Sentados vocês ficam mais relaxados. Vocês são mais democráticos. Vocês ficam menos entediados. O tempo parece menos longo e enfadonho para vocês. Vocês toleram mais o que acontece com vocês. Vocês são mais clarividentes. Vocês são menos distraídos. É fácil para vocês esquecer seus arredores. O mundo em torno de vocês desaparece mais facilmente. Vocês começam a se assemelhar mais um com o outro. Vocês começam a perder suas identidades. Vocês começam a perder as características que os distinguem uns dos outros.

Vocês se tornam uma unidade. Vocês se tornam um padrão. Vocês se tornam um. Vocês perdem suas consciências. Vocês se tornam espectadores. Vocês se tornam ouvintes. Vocês se tornam apáticos. Vocês se tornam olhos e ouvidos. Vocês esquecem de olhar para seus relógios. Vocês esquecem quem vocês são.

De pé vocês seriam perguntadores mais efetivos. De acordo com a anatomia do corpo humano os seus incômodos seriam majores se vocês estivessem de pé. Vocês seriam mais hábeis em cerrar seus punhos. Vocês poderiam melhor mostrar suas oposições. Vocês teriam maior mobilidade. Vocês não precisariam ser bem educados. Vocês poderiam transferir seus pesos de uma perna para a outra. Vocês poderiam, mais facilmente, se tornarem conscientes de seus corpos. Seus prazeres com a arte seriam diminuídos. Vocês não formariam mais um modelo. Vocês não estariam mais rígidos. Vocês perderiam sua geometria. Vocês seriam mais hábeis em sentir o cheiro do suor dos corpos próximos de vocês. Vocês seriam mais hábeis em expressar concordância cutucando o outro. Se vocês estivessem de pé, a preguiça de seus corpos não manteria vocês andando. De pé vocês seriam mais individuais. Vocês se oporiam mais firmemente ao teatro. Vocês se entregariam a menos ilusões. Vocês se entregariam a mais ilusões. Vocês sofreriam mais distrações. Lá fora, vocês ficam muito mais tempo de pé. Vocês seriam mais hábeis em se abandonarem às suas próprias invenções. Vocês seriam menos hábeis em imáginar acontecimentos representados como reais. Os acontecimentos aqui pareceriam menos verdadeiros do que a vida de vocês. De pé, por exemplo, vocês seriam menos hábeis em imaginar uma morte representada no palco como real. Vocês seriam menos rígidos. Vocês não se deixariam serem colocados embaixo de outro tanto de palavras. Vocês não deixariam outro tanto colocarem acima de vocês. Vocês não ficariam satisfeitos em serem meros espectadores. Seria mais fácil para vocês se tivessem duas cabeças. Vocês poderiam

estar em dois lugares imediatamente com seus pensamentos. Vocês poderiam viver em dois espaços-tempo.

Nós não queremos contaminar vocês. Nós não queremos estimular vocês como numa manifestação de sentimentos. Nós não interpretamos sentimentos. Nós não encarnamos sentimentos. Nós não rimos nem choramos. Nós não queremos contaminar vocês com o riso pelo riso, ou com o choro pelo riso, ou com o riso pelo choro, ou com o choro pelo choro. Embora o riso seja mais contagiante do que o que choro, nós não contaminamos vocês com o riso pelo riso. E assim por diante. Nós não estamos interpretando. Nós não interpretamos nada. Nós não inventamos. Nós não gesticulamos. Nós nos expressamos apenas pelas palavras. Nós apenas falamos. Nós expressamos. Nós não nos expressamos, mas a opinião do autor. Nós nos expressamos através da fala. Nossas falas são nossas ações. Através da fala nós nos tornamos teatrais. Nós somos teatrais, porque estamos falando num teatro. Falando continuamente e diretamente com vocês e falando para vocês sobre o tempo, de agora e agora e agora, nós respeitamos a unidade de tempo, espaço e ação. Mas nós respeitamos esta unidade não apenas aqui no palco. Já que o palco não é um mundo à parte, nós também respeitamos a unidade ai embaixo, onde vocês estão. Nós e vocês formamos uma unidade por que estamos falando com vocês sem interrupção. Portanto, sob certas condições, nós, ao invés de falarmos vocês, podíamos dizer nós. Isto significa a unidade de ação. O palco aqui em cima e a platéia constituem uma unidade, na qual eles não mais constituem dois níveis. Não há um cinto de radiação entre nós. Aqui não há dois espaços. Aqui é apenas um espaço. O que significa a unidade de espaço. Seus tempos, o tempo dos espectadores e ouvintes, e nosso tempo, o tempo dos que falam, formam uma unidade; nenhum outro tempo transita aqui além do tempo de vocês. Aqui o tempo não é dividido em duas partes iguais. Aqui o tempo não é representado. Aqui apenas o tempo real existe. Aqui apenas o tempo que nós, nós e vocês,

experimentamos em nossos próprios corpos existe. Aqui apenas um tempo existe. Isto significa a unidade de tempo. Todas as três citadas circunstâncias, tomadas juntas, significam a unidade de tempo, espaço e ação. Portanto esta peça é clássica.

Porque nós falamos com vocês, vocês se tornam conscientes de vocês mesmos. Porque nós falamos com vocês, suas consciências aumentam. Vocês se tornam cientes de que vocês estão sentados. Vocês se tornam cientes de que vocês estão sentados num teatro. Vocês se tornam cientes do tamanho de seus membros. Vocês se tornam cientes de como seus membros estão dispostos. Vocês se tornam cientes de seus dedos. Vocês se tornam cientes de suas línguas. Vocês se tornam cientes de suas gargantas. Vocês se tornam cientes de quão pesadas suas cabeças são. Vocês se tornam cientes de seus órgãos sexuais. Vocês se tornam cientes das piscadas das suas pálpebras. Vocês se tornam cientes dos músculos com os quais vocês engolem. Vocês se tornam cientes da sua salivação. Vocês se tornam cientes dos batimentos dos seus corações. Vocês se tornam cientes do crescimento de suas sobrancelhas. Vocês se tornam cientes da sensação pontiaguda nos seus couros cabeludos. Vocês se tornam cientes do impulso de se arranharem vocês mesmos. Vocês se tornam cientes de transpirarem debaixo de suas axilas. Vocês se tornam cientes de suas mãos suadas. Vocês se tornam cientes de suas mãos ressecadas. Vocês se tornam cientes do ar que vocês inalam e exalam através de suas bocas e narizes. Vocês se tornam cientes de nossas palavras que entram nos seus ouvidos. Vocês adquirem presença de espírito.

Tentem não piscar seus olhos. Tentem não engolir mais isto. Tentem não movimentar suas línguas. Tentem não mais ouvir nada. Tentem não cheirar nada. Tentem não salivar mais. Tentem não transpirar. Tentem não se ajeitarem nas suas poltronas. Tentem não respirar.

Porque vocês estão respirando. Porque vocês estão salivando. Porque vocês estão escutando. Porque vocês estão cheirando. Porque vocês estão engolindo. Porque vocês estão piscando. Porque vocês estão arrotando. Porque vocês estão transpirando. Porque quão terrivelmente conscientes vocês estão.

Não pisquem. Não salivem. Não pestanejem. Não inalem. Não exalem. Não se mexam nas suas poltronas. Não nos escutem. Não cheirem. Não engulam. Segurem suas respirações.

Engulam. Salivem. Pisquem. Escutem. Respirem.

Agora vocês estão cientes de suas presenças. Vocês sabem que este é o tempo que vocês estão passando aqui. Vocês são o assunto. Vocês dão os nós. Vocês desatam os nós. Vocês são o centro. Vocês são o motivo. Vocês são a razão. Vocês forneceram o impulso inicial. Aqui vocês nos muniram com palavras. Vocês são o fazedor do jogo e o antagonista. Vocês são os jovens comediantes. Vocês são os jovens amantes, vocês são os ingênuos, vocês são os sentimentais. Vocês são as estrelas, vocês são os tipos, vocês são os bon-vivants e os heróis. Vocês são os heróis e os vilões. Vocês são os vilões e os heróis desta peça.

Antes de virem até aqui vocês se prepararam. Vocês vieram aqui com algumas idéias pré-concebidas. Vocês vieram ao teatro. Vocês se prepararam para vir ao teatro. Vocês tinham algumas expectativas. Seus pensamentos se adiantaram. Vocês imaginaram algumas coisas. Vocês se prepararam para alguma coisa. Vocês se prepararam para compartilhar alguma coisa. Vocês se prepararam para ficar sentados, sentados nas poltronas que vocês compraram e assistir alguma coisa. Talvez vocês tenham ouvido falar sobre esta peça. Então, vocês se

prepararam, vocês se prepararam para alguma coisa. Vocês permitiram que os acontecimentos se aproximassem de vocês. Vocês estavam preparados para sentar e assistir alguma coisa.

O ritmo em que vocês respiravam era diferente dos nossos. Vocês vieram vestindo-se de uma certa forma diferente. Vocês partiram de caminhos diferentes. Vocês se aproximaram deste local por diferentes direções. Vocês usaram o sistema público de transportes. Vocês vieram a pé. Vocês usaram os seus próprios meios de transporte. Antes de partirem vocês olharam para seus relógios. Vocês esperavam uma ligação telefônica, vocês tiraram o aparelho do gancho, vocês ligaram as luzes, vocês desligaram as luzes, vocês fecharam as portas, vocês giraram as chaves, vocês andaram depressa ao ar livre. Vocês impulsionaram suas pernas. Vocês deixaram que seus braços balançassem para cima e para baixo enquanto vocês caminhavam. Vocês caminhavam. Vocês partiram de diferentes direções, todos para a mesma direção. Vocês encontraram seus caminhos aqui com a ajuda dos seus sentidos de direção.

Por causa dos seus planos vocês se diferenciaram dos outros que foram para outros locais. Simplesmente por causa dos seus planos, vocês imediatamente formaram uma unidade com os outros que vieram para este local. Vocês tinham o mesmo objetivo. Vocês planejaram gastar uma parte dos seus futuros juntos com outros num tempo definido.

Vocês cruzaram faixas de trânsito. Vocês olharam para a esquerda e a direita. Vocês observaram os sinais de trânsito. Vocês acenaram para os outros. Vocês pararam. Vocês informaram aos outros os seus destinos. Vocês disseram as suas expectativas. Vocês comunicaram suas especulações sobre esta peça. Vocês expressaram suas opiniões sobre esta peça. Vocês apertaram mãos. Vocês tinham outros desejos para vocês de uma noite agradável. Vocês limparam seus sapatos. Vocês mantiveram as portas abertas. Vocês tinham as portas

mantidas abertas para vocês. Vocês encontraram outros espectadores. Vocês se sentiram como cúmplices. Vocês observaram as regras de boas maneiras. Vocês ajudaram com os casacos. Vocês deixaram ser ajudados com os casacos. Vocês ficaram em pé. Vocês caminharam ao redor. Vocês ouviram os sinais. Vocês ficaram impacientes. Vocês se olharam no espelho. Vocês verificaram suas roupas. Vocês lançaram olhares atravessados. Vocês perceberam olhares atravessados. Vocês caminharam. Vocês andaram passo a passo. Seus movimentos se tornaram mais formais. Vocês ouviram o sinal. Vocês olharam para seus relógios. Vocês se tornaram cúmplices. Vocês foram para as suas poltronas. Vocês olharam ao redor. Vocês se acomodaram confortavelmente. Vocês ouviram o sinal. Vocês pararam de conversar. Vocês alinharam seus olhares. Vocês aguçaram seus ouvidos. Vocês respiraram profundamente. Vocês viram as luzes diminuírem de intensidade. Vocês ficaram em silêncio. Vocês ouviram as portas fechando. Vocês olharam fixamente para a cortina. Vocês esperaram. Vocês ficaram rígidos. Vocês não se moveram mais. Ao invés, a cortina se moveu. Vocês ouviram a cortina murmurar. Vocês foram presenteados com uma vista livre do palco. Tudo estava como sempre é. Suas expectativas não foram desapontadas. Vocês estavam prontos. Vocês encostaram-se nas suas poltronas. A peça podia começar.

Noutras vezes vocês também estavam prontos. Vocês faziam parte do jogo que ia começar. Vocês se encostavam-se às suas poltronas. Vocês percebiam. Vocês seguiam. Vocês perseguiam. Vocês deixavam acontecer. Vocês deixavam algo acontecer. Vocês deixavam algo acontecer aqui em cima, que já tinha acontecido há muito tempo. Vocês assistiam o passado, o qual através de diálogos e monólogos faziam-no como se fosse contemporâneo. Vocês se deixavam cativar. Vocês se deixavam encantar. Vocês esqueciam onde vocês estavam. Vocês esqueciam o tempo. Vocês ficavam rígidos e permaneciam rígidos. Vocês não se moviam. Vocês não agiam. Vocês nem mesmo vinham para frente para ver melhor. Vocês

não seguiam os impulsos naturais. Vocês assistiam como vocês assistem um feixe de luz que foi produzido muito antes que vocês começassem a assistir. Vocês olhavam para um espaço morto. Vocês olhavam pontos mortos. Vocês experimentavam um tempo morto. Vocês ouviam uma língua morta. Vocês mesmos estavam numa sala morta num tempo morto. Era uma calmaria. Nenhum sopro de ar movia. Vocês não se moviam. Vocês olhavam fixamente. A distância entre vocês e nós era infinita. Nós estávamos infinitamente longe de vocês. Nós nos moviamos numa distância infinita de vocês. Nós tínhamos vivido um período infinitamente antes de vocês. Nós vivíamos aqui no palco antes do começo dos tempos. Seus olhares e nossos olhares se encontravam no infinito. Um espaço infinito estava entre nós. Nós representávamos. Mas nós não representávamos com vocês. Aqui vocês sempre estiveram na posteridade.

Aqui peças foram representadas. Aqui significados foram representados. Aqui absurdos com significados foram representados. Aqui as peças tinham um motivo e um movimento secreto. Elas tinham um fundo falso. Elas não eram o que elas eram. Elas não eram o que elas pareciam. Havia algo atrás delas. As coisas e o enredo pareciam ser, mas eles não eram. Eles pareciam ser como eles pareciam, mas eles eram diferentes. Eles não pareciam parecer como uma peça pura, eles pareciam ser. Eles pareciam ser realidade. Aqui as peças não matam o tempo, ou elas não apenas matam o tempo. Elas eram significantes. Elas não eram eternas como as peças puras, um tempo irreal passado nelas. A aparente inexpressividade de algumas peças era precisamente o que representava seus significados escondidos. Mesmos os adornos de aderecistas adquirem significados nestas margens. Sempre houve uma armadilha. Sempre houve uma armadilha entre as palavras, os gestos, os adereços e na busca de significar alguma coisa para vocês. Sempre algo tinha dois ou mais significados. Alguma coisa estava sempre acontecendo. Alguma coisa acontecia na peça que vocês supunham pensar que era real.

Histórias sempre aconteciam. Uma representação e um tempo irreal aconteciam. O que vocês viam e ouviam pretendia ser não apenas o que vocês viam e ouviam. Pretendia ser o que vocês não viam e não ouviam. Tudo era previsto. Tudo era expresso. Mesmo o que aparentava expressar nada expressava algo, porque algo que acontece no teatro expressa algo. Tudo que era representado expressava alguma coisa real. A peça não era representada por causa da peça, mas por causa da realidade. Vocês tinham de descobrir uma realidade representada por detrás da peça. Vocês supunham compreender a peça. Não a peça, a realidade era representada. O tempo era representado. Uma vez que o tempo era representado, a realidade era representada. O teatro representava o tribunal. O teatro representava a arena. O teatro representava a instituição moral. O teatro representava sonhos. O teatro representava ritos tribais. O teatro representava espelhos para vocês. A peça supera a peça. Ela sugeriu realidade. Tornou-se impura. Ela tinha um significado. Em vez de o tempo ficar fora da peça, um tempo irreal e ineficaz transpirou. Com o tempo irreal uma realidade irreal foi representada. Ela era desarmada, sem significação para vocês; ela foi representada. Aqui nenhuma realidade nem peça transpiraram. Se uma peça pura tivesse sido representada aqui, o tempo poderia ter sido omitido da peça. Uma peça pura não tem tempo. Mas já que uma realidade foi representada o tempo correspondente também foi representado. Se uma peça pura tivesse sido representada aqui, teria sido apenas, aqui, o tempo dos espectadores. Mas já que aqui realidade era parte da peça, havia sempre dois tempos: o tempo de vocês, o tempo dos espectadores, e o tempo representado, o qual parecia ser o tempo real. Mas o tempo não pode ser representado. Ele não pode ser repetido em nenhuma peça. O tempo é insubstituível. O tempo é irresistível. O tempo é inexecutável. O tempo é real. Ele não pode ser representado como real. Já que o tempo não pode ser representado, também a realidade não pode ser representada. Apenas uma peça onde o tempo é omitido da peça é uma peça. Uma peça na qual o tempo desempenha um papel não é uma peça. Apenas uma peça eterna é sem

ECA BIBLIOTECA USP

significado. Apenas uma peça eterna é auto-suficiente. Apenas uma peça eterna não precisa representar o tempo. Apenas por uma peça eterna o tempo é sem significado. Todas as outras peças são peças impuras. Há apenas peças sem tempo, ou peças nas quais o tempo é tempo real; como os noventa minutos de um jogo de futebol, o qual tem apenas um tempo porque o tempo dos jogadores é o mesmo tempo dos espectadores. Todas as outras peças são peças simuladas. Todas as outras peças deformam a realidade do fato. Numa peça eterna não se espelham fatos.

Nós poderíamos fazer uma peça dentro de uma peça para vocês. Nós poderíamos representar acontecimentos para vocês, que ocorreriam fora desta sala durante estes momentos enquanto vocês estão engolindo, enquanto vocês estão piscando os olhos. Nós poderíamos ilustrar as estatísticas. Nós poderíamos representar o que é estatisticamente levado em outros lugares enquanto vocês estão neste lugar. Através da representação do que está acontecendo, nós poderíamos fazer vocês imaginarem esses acontecimentos. Nós poderíamos trazê-los para bem perto de vocês. Nós não precisaríamos representar nada do que é passado. Nós poderíamos jogar um jogo limpo. Por exemplo, nós poderíamos representar o verdadeiro processo de morte que está estatisticamente acontecendo em algum lugar neste momento. Nós poderíamos nos tornar patéticos. Nós poderíamos declarar que a morte é o páthos do tempo, sobre o qual nós falamos todo o tempo. A morte poderia ser o páthos deste tempo real, o qual vocês estão gastando aqui. De qualquer forma, esta peça dentro de uma peça ajudaria trazer para esta peça um clímax dramático.

Mas nós não estamos iludindo vocês. Nós não imitamos. Nós não representamos outras pessoas e outros acontecimentos, mesmo se eles existem estatisticamente. Nós renunciamos a uma pantomima e a uma linguagem dos gestos. Não há personagens que façam parte da trama

e por essa razão não há atores representando. A trama não é livremente inventada, pois não há trama. Já que não há trama acasos são impossíveis. Semelhança com pessoas ainda vivas, ou que estão morrendo, ou pessoas mortas não são casuais, mas impossíveis. Pois nós não representamos nada e não somos outros que nós mesmos. Nós nem mesmo representamos nós mesmos. Nós estamos falando. Aqui nada é inventado. Nada é imitado. Nada é fato. Nada é deixado para suas imaginações.

Devido ao fato de que nós não estamos representando e nem atuando completamente, esta peça é metade cômica e metade trágica. Devido ao fato de que nós apenas falamos e não deixamos cair para fora o tempo, nós não podemos retratar nada para vocês e demonstrar nada para vocês. Nós não ilustramos nada. Nós não invocamos nada fora do passado. Nós não estamos em conflito com o passado. Nós não estamos em conflito com o presente. Nós não antecipamos o futuro. Nós falamos do tempo no presente, no passado e no futuro.

Este é o porquê, por exemplo, de nós não podermos representar os momentos reais da morte, que está estatisticamente acontecendo agora. Nós não podemos representar o ofegar que esta acontecendo neste momento, ou o ruir e desmoronar, ou as dores da morte, ou o ranger dos dentes agora, ou as últimas palavras, ou o último suspiro agora, que está estatisticamente acontecendo agora neste segundo, ou a última exalação, ou a última ejaculação que está acontecendo agora, ou a falta de ar que está estatisticamente começando agora, e agora, e agora, e agora, e assim por diante, ou a inércia agora, ou a estatisticamente averiguada rigidez cadavérica, ou o repousar absolutamente imóvel agora. Nós não podemos representar isto. Nós apenas falamos disso. Nós estamos falando disso, agora.

Devido ao fato de que apenas falamos e devido ao fato de que não falamos nada inventado, não podemos ser equívocos ou ambíguos. Devido ao fato de que não representamos nada, não pode existir dois ou mais níveis aqui ou uma peça dentro de uma peça. Devido ao fato de que não gesticulamos e não contamos para vocês nenhuma história e não representamos nada, não podemos ser poéticos. Devido ao fato de que apenas falamos para vocês, perdemos a poesia da ambigüidade. Por exemplo, não podemos usar os gestos e expressões da morte que mencionamos, para representar os gestos e expressões de um simultaneamente transpirado exemplo de relação sexual, que esta estatisticamente transpirando agora. Não podemos representar sobre uma base falsa. Não podemos nos remover do mundo. Não precisamos ser poéticos. Não precisamos hipnotizar vocês. Não precisamos enganar vocês. Não precisamos lançar maus olhares para vocês. Não precisamos de uma segunda natureza. Isto não é hipnose. Vocês não têm que imaginar nada. Vocês não têm que sonhar com os olhos abertos. Com o ilógico dos seus sonhos vocês não são dependentes da lógica do palco. As impossibilidades de seus sonhos não têm que confiná-los às possibilidades do palco. O absurdo dos seus sonhos não tem que obedecer às leis autênticas do teatro. Portanto, nós não representamos nem sonhos nem realidade. Nós não fazemos reivindicações nem pela vida nem pela morte, nem pela sociedade nem pelo individual, nem pelo o que é natural nem pelo o que é sobrenatural, nem pela alegria nem pelo sofrimento, nem pela realidade nem pela ficção. O tempo não nos incita à melancolia.

Esta peça é um prólogo. Ela não é o prólogo para uma outra peça, mas o prólogo do que vocês fizeram, do que vocês estão fazendo e do que vocês farão. Vocês foram o tema. Esta peça é o prólogo para o tema. Ela é o prólogo para suas práticas e costumes. Ela é o prólogo para suas ações. Ela é o prólogo para suas inatividades. Ela é o prólogo para vocês deitarem, sentarem, ficarem de pé, andarem. Ela é o prólogo para as brincadeiras e a seriedade de suas vidas. Ela é

também o prólogo para as suas futuras idas ao teatro. Ela é também o prólogo para todos os outros prólogos. Esta peça pertence ao teatro do mundo.

Logo vocês se moverão. Vocês se prepararão. Vocês se prepararão para aplaudir. Vocês se prepararão para não aplaudir. Quando vocês se preparam para fazer o padrão, vocês baterão uma mão contra a outra, isto é, vocês baterão uma palma na outra palma e repetirão estas batidas numa rápida sucessão. Entrementes, vocês estarão aptos para ver suas mãos batendo palmas ou não batendo palmas. Vocês ouvirão o som de suas palmas e o som de palmas próximo de vocês e vocês verão próximo de vocês e diante de vocês as mãos batendo palmas para trás e para frente, ou vocês não ouvirão as esperadas palmas e não verão as mãos batendo para trás e para frente. Ao invés, vocês talvez ouvirão outros sons e vocês mesmos produzirão outros sons. Vocês se prepararão para levantar. Vocês ouvirão as dobradiças das poltronas atrás de vocês. Vocês nos verão fazendo nossas reverências. Vocês verão a cortina se fechar. Vocês serão capazes de indicar os ruídos que a cortina produz durante esté processo. Vocês colocarão nos bolsos seus programas. Vocês trocarão olhares. Vocês trocarão palavras. Vocês se movimentarão. Vocês farão comentários e ouvirão comentários. Vocês reprimirão comentários. Vocês poderão sorrir expressivamente. Vocês poderão sorrir inexpressivamente. Vocês caminharão numa forma ordeira até o foyer. Vocês mostrarão seus tíquetes para retirar suas coisas. Vocês permanecerão de pé. Vocês se verão nos espelhos. Vocês ajudarão outros com os casacos. Vocês segurarão portas abertas para outros. Vocês dirão seus até logo. Vocês acompanharão. Vocês serão acompanhados. Vocês andarão ao ar livre. Vocês regressarão ao cotidiano. Vocês irão para diferentes direções. Se vocês ficarem juntos, vocês serão um grupo de teatro. Vocês irão para um restaurante. Vocês pensarão no amanhã. Vocês pouco a pouco acharão seus meios de voltar para a realidade. Vocês serão novamente capazes de chamar a

cruel realidade. Vocês ficarão sóbrios. Vocês novamente conduzirão suas próprias vidas. Vocês não mais serão uma unidade. Vocês irão de um lugar para diferentes lugares.

Mas antes de partirem, vocês serão insultados.

Nós insultaremos vocês, porque insultar vocês é também uma maneira de falar com vocês. Insultando vocês, nós podemos ser diretos com vocês. Nós podemos despertar vocês. Nós podemos destruir o espaço da representação. Nós podemos derrubar uma parede. Nós podemos observar vocês.

Enquanto nós estamos insultando vocês, vocês não apenas nos ouvirão, vocês prestarão atenção em nós. A distância entre nós não será mais infinita. Devido ao fato de que nós estamos insultando vocês, sua inércia e seu incômodo finalmente se tornarão públicos. Mas nós não insultaremos vocês, nós apenas usaremos palavras ofensivas, as quais vocês mesmos usam. Nós nos contradizemos com nossos insultos. Nós não nos dirigiremos a ninguém em particular. Nós apenas criaremos um modelo acústico. Vocês não terão que se sentirem insultados. Vocês foram informados com antecedência, então vocês não podem se sentir insultados enquanto nós estamos insultando vocês. Já que provavelmente vocês já estão completamente insultados, nós não gastaremos mais tempo antes de insultarmos vocês completamente. Vocês foram o tema dos nossos insultos. Vocês irão nos escutar, seus olhos esbugalhados.

Vocês permitiram que o impossível se tornasse possível. Vocês foram os heróis desta peça. Vocês economizaram nos gestos. Seus personagens estavam bem arredondados. Vocês tiveram cenas inesquecíveis. Vocês não interpretaram. Vocês eram os personagens. Vocês

foram um acontecimento. Vocês foram o achado da noite. Vocês viveram seus papéis. Vocês tiveram a maior parte do sucesso. Vocês salvaram a peça. Vocês foram uma visão. Vocês foram uma visão a ser vista, seus come meleca.

Vocês sempre estiveram presentes. Seus esforços honestos não ajudaram a peça em nenhum momento. Vocês contribuíram apenas com as deixas. O melhor que vocês criaram foi as suas pequenas omissões. Seus silêncios disseram tudo, seus intrometidos.

Vocês foram atores perfeitos. Vocês começaram de maneira promissora. Vocês foram como na vida real. Vocês foram realistas. Vocês colocaram tudo sob seus fascínios. Vocês nos fizeram fazer cenas no palco. Vocês chegaram às alturas da cultura teatral, seus vadios, seus simplórios, seus caras de bofetada.

Nenhuma nota errada cruzou seus lábios. Vocês tinham controle de toda a cena. Suas interpretações foram de uma rara nobreza. Seus semblantes estavam com uma rara perfeição. Vocês formaram um elenco exemplar. Vocês foram o elenco dos sonhos. Vocês foram inimitáveis, seus rostos inesquecíveis. Seus sensos de humor nos deixaram ofegantes. Suas tragédias foram de antiga grandeza. Vocês deram o melhor de si, seus pessimistas, seus moleques, seus instrumentos indolentes, seus escórias da sociedade.

Vocês foram de uma mesma qualidade. Vocês tiveram um de seus melhores dias esta noite. Vocês formaram uma equipe maravilhosa. Vocês foram imitações da vida, seus idiotas, seus grosseiros, seus ateus, seus libertinos, seus bandidos, seus judeus sujos.

Vocês nos mostraram perspectivas inteiramente novas. Vocês foram bem aconselhados com esta peça. Vocês se superaram. Vocês representaram livremente. Vocês se viraram pelo avesso, sua multidão, seus coveiros da cultura ocidental, seus anti-sociais, seus túmulos caiados, corja de demônios, corja de víboras, seus especialistas de tiro na nuca.

Vocês estavam impagáveis. Vocês foram um furacão. Vocês provocaram arrepios em nossas espinhas. Vocês varreram tudo antes de vocês, seus bandidos de campo de concentração, seus vagabundos, seus cabeçudos, seus agitadores de guerra, seus sub-humanos, seus bando de selvagens, suas bestas humanas, seus porcos nazistas.

Vocês estavam precisos. Vocês estavam empolgantes. Vocês não desapontaram nossas expectativas. Vocês nasceram atores. Atuar já estava no seu sangue, seus carniceiros, seus doentes mentais, seus oportunistas, filhos de uma vaca, seus bando de bestas, seus tolos, seus fudidos, seus extraviados, seus mentalidade de vagabundos.

Vocês tinham um controle perfeito da respiração, seus fanfarrões, seus falsos patriotas, seus grandes capitalistas judeus, seus caretas, suas marionetes, seus proletários, seus caras pálidas, seus franco atiradores, seus negações, seus bajuladores, seus hipócritas, suas nulidades, seus coisas baratas, suas centopéias, seus excedentes, suas vidas supérfluas, seus canalhas, seus ridículos, seus elementos indiscutíveis.

Vocês são atores talentosos, seus embasbacados, seus companheiros sem fronteiras, pseudo-revolucionários, seus escórias, vocês que sujam seus próprios ninhos, seus emigrantes, seus terrotistas, seus revisionistas, seus revanchistas, seus militaristas, seus pacifistas, seus escistas, seus intelectualistas, seus niilistas, seus individualistas, seus coletivistas, seus

aprendizes de políticos, seus espíritos de contradição, seus efeitos armados, seus anti-democratas, seus auto-acusadores, seus mendicantes de aplausos, seus monstros anti-diluvianos, seus claques, seus panelinhas de acomodados, seus ralé, seus comida de porcos, seus avarentos, seus famintos, seus hipocondríacos, seus pegajosos, seus proletariado intelectual, seus novos ricos, seus ninguém, seus qualquer coisa.

Oh, seus doentes de câncer, seus escarros de tuberculose, seus portadores de esclerose múltipla, seus sifilíticos, seus doentes cardíacos, paraplégicos, seus hidrópicos, seus apoplécticos, seus portadores de causas de morte, seus candidatos ao suicídio, seus potenciais mortos em tempo de paz, seus potenciais mortos de guerra, seus potenciais mortos em acidente, seus potenciais mortos.

Seus acessórios de banheiro. Seus atores de tipos. Desclassificados. Membros de uma companhia. Caça níqueis. Desbocados. Lotação esgotada. Seus ateus. Suas edições baratas. Seus impostorês. Suas marcas de milha na história do teatro. Seus pestes vagarosos. Suas almas imortais. Vocês que não são deste mundo. Suas cabeças abertas. Seus heróis positivos. Seus aborcionistas. Seus heróis negativos. Seus heróis de todos os dias. Suas luzes do conhecimento. Faróis na escuridão. Balões de gás educados. Suas classes cultas. Seus povos do nosso tempo. Vocês que gritam no deserto. Seus santos dos últimos dias. Suas crianças deste mundo. Seus lamentadores. Seus momentos históricos. Vocês dignitários leigos e eclesiásticos. Seus patifes. Seus chefes. Seus empresários. Suas Eminências. Suas Excelências. Suas Santidades. Vossas altezas. Seus ilustrissimos. Suas cabeças coroadas. Suas almas vendidas. Vocês que dizem sim e não. Seus arquitetos do futuro. Vocês que nos prometem um mundo melhor. Seus mafiosos. Seus insaciáveis. Seus maliciosos. Seus pretensiosos. Vocês que acreditam conhecer a vida. Vocês, senhoras e senhores, vocês, suas

celebridades da vida pública e cultural, vocês, vocês que estão presentes vocês, vocês irmãos e irmãs vocês, vocês camaradas vocês, vocês ouvintes notáveis vocês, vocês nossos próximos, vocês.

Aqui vocês foram bem-vindos. Nós lhes agradecemos. Boa noite.

Imediatamente cai a cortina. Entretanto, ela não permanece fechada, mas separa imediatamente, outra vez, não obstante o comportamento do público. Os atores falantes param e olham para o público, sem olhar para alguém em especial. Por meio de alto-falantes se ouve estrondosos aplausos e selvagens assobios; além disso, poderia adicionar reações do público de concertos de bandas de beat-music. O uivar ensurdecedor e os gritos estridentes duram até que o público comece a sair. Somente, então, a cortina cai definitivamente.